

REVISTA ADVENTISTA

«Até que todos cheguemos à unidade da Fé, ao conhecimento do Filho de Deus»

Aos Efésios, 4:13

Conselhos aos Jovens

O valor da crença em Deus

Um ministério educado

Resumo:

*Relatório da Direcção da União
Assembléias de 16-21 de Outubro de 1945*

por António Dias Gomes

À Memória de Paulo Meyer

Que é a fé? É crer em Deus

*Que é a oração? É falar a Deus
e ouvi-Lo*

2\$50

NOVEMBRO - DEZEMBRO DE 1945

A N O V I • N . ° 3 2

Conselhos aos Jovens

Os planos preparados e executados para a educação da nossa juventude não são demasiado grandes. Os nossos jovens não devem ter uma educação uni-lateral mas todos os seus poderes devem receber uma igual atenção. A filosofia moral, o estudo das Escrituras e a preparação física devem ser combinados com os estudos usualmente seguidos nas escolas. Cada poder — físico, mental e moral — necessita de ser treinado, disciplinado, desenvolvido para poder prestar o seu mais alto serviço. Porque a não ser que tôdas sejam igualmente desenvolvidas, uma só faculdade não poderá exercer o seu trabalho perfeitamente, a não ser que sobrecarregue qualquer parte do maquinismo humano.

Test., Vol. 5 pág. 520

O valor da crença em Deus

Com uma crença bem firme em Deus, tôdas as torturas, tôdas as dúvidas sôbre o misterioso *além* se vão, e o espírito não é mais do que uma ave alegre em vôo, cantando na terra, prêsa ao céu, prêsa a Deus.

Tôda a negrura da vida vem da ofuscação de Deus. Não o compreendemos? Mais uma razão de que êle é superior a nós e nos transcende. Também eu não compreenda por que é que o mundo existe e por que é que os astros giram, e nem por isso o mundo é menos real e os astros deixam de girar. Tôda a base moral é espiritual da vida é esta crença e êste amor em Deus. Sem isto a vida é uma chaforda, sem elevação, sem flama e sem projecção infinita.

Revoada dos Anjos, pág. 189

Um

ministério educado

O comerciante, o carpinteiro, o advogado todos têm de aprender a sua profissão e comércio. A princípio, por falta de conhecimento, fazem trabalho imperfeito; mas, continuando pacientemente nas suas vocações, tornam-se mestres nos seus variados ramos de serviço. Sem uma atenta aplicação da mente e do coração e de todos os poderes do seu ser, o ministro marcha para o insucesso. Seja êle na realidade um prêgador ou seja mesmo um pastor nunca deve cessar o estudo; deve ser continuado através de todo o período do seu trabalho muito embora se julgue bem qualificado para realizar o seu trabalho.

A nossa época reclama um ministério inteligente e educado e não noviços. Estão-se multiplicando falsas doutrinas. O mundo educou-se até um alto nível de conhecimentos literários e o pecado, incredulidade e infidelidade tornaram-se mais ousados e desafiadores à medida que adquiriram agudeza e conhecimento intelectual. Êste estado de coisas reclama o uso de todos os poderes da inteligência porque o ministro tem de se defrontar com agudas mentalidades dominadas por Satanás. Deveria ser bem equilibrado por princípios religiosos e crescer na graça e no conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo. O trabalho tem sido feito demasiado ao acaso e as mentes não têm sido exercitadas até à sua mais completa capacidade. Os nossos ministros terão de defender a verdade contra doutrinas de apostasia, terão de medir as evidências das Escrituras com os que advogam erros especiosos. A verdade será colocada em contraste com âsserções audaciosas. Os nossos ministros devem ser homens completamente consagrados a Deus, homens de cultura nada medíocre... O mais alto grau de preparação é necessário para fazer bom trabalho pelo Mestre.

Test., Vol 5 pág. 528

Relatório da Direcção da União

nas Assembléias de 16-21 de Outubro de 1945

Cumprimento, na pessoa dos Delegados presentes, todos os nossos presados Irmãos e Amigos, estrangeiros e nacionais, nas Instituições e Congregações por vós representadas e pelos quais fiz sempre votos de prosperidade material e espiritual.

Coloco, perante vós, resumido relatório das actividades da União Portuguesa, que lirigi conforme as circunstâncias e os honens deixaram, na medida modesta das minhas possibilidades mas sempre desejoso de ver progredir esta Instituição não só porque mais eram as funções oficiais a dar-me o pão de cada dia mas sobretudo porque julguei ser a Obra de Cristo no meu país. Vamos, pois, passar em revista as Instituições filiais desta União e apontarei, em cada uma, os actos mais importantes que podem interessar e ser conhecidos pela Assembléia dos presentes. Considero como factos importantes e para vós interessantes aquêles que ajudaram ou impediram o cumprimento da tarefa confiada — a evangelização de Portugal e o recrutamento de membros para a Igreja. O resto não presta.

Esta União compreende ou está intimamente relacionada com as seguintes Instituições: 1) Missão de S. Tomé; 2) Missão Caboverdeana; 3) Missão Açoreana; 4) Missão Madeirense; 5) Conferência Portuguesa; 6) Publicadora Atlântico, Lda.; 7) Seminário Adventista.

Na orgânica denominacional, estiveram em actividade as seguintes secções ou departamentos: 1) Evangelização ou Ministerial; 2) Publicações; 3) Educação; 4) Mis-

são Interior; 5) Escola Sabatina; 6) Juventude; 7) Liberdade Religiosa.

Em tôdas estas Instituições e departamentos encontraram trabalho remunerado 43 obreiros de diversas classes e espôsas, com uma média anual de 15 agentes de publicações cujo salário é a percentagem nas vendas. Total de pessoas affectas aos serviços: mais de 58.

Vejam agora o panorama das actividades em cada uma das Instituições e departamentos:

I — Missão de S. Tomé

Compreende as duas ilhas de S. Tomé-e-Príncipe. População branca diminuta. Os portugueses de S. Tomé pertencem a outra raça humana mas vivem na igualdade e fraternidade preconizadas na Constituição da República e para nós têm de viver também na igualdade e fraternidade de Cristo. Das minhas visitas àquelas ilhas, da afabilidade que sempre encontrei entre colonos e nativos, brotou a simpatia que a todos dedico.

O início da Missão foi lento e difficil. Os colonos e Autoridades tinham razão em olhar com desconfiança aquêles indivíduos que oustavam fazer discursos à turba. Os oradores, temos de concordar, são sempre perigosos quando não sejam cristãos. Presentemente gozamos de tolerância e plena liberdade de missionar na ilha de S. Tomé.

Os membros daquela Missão pertencem todos às raças africanas. Ainda não tivemos o prazer de receber na nossa Congregação

um só membro branco. A população branca tem graves preocupações de ordem muito adversa à religião. Enquanto não chega o dia dos brancos, vamos chamando e ensinando os nativos.

Presentemente encontram em S. Tomé, a sede limpa mas de pobre apresentação, com uma pequena e pouco higiênica sala de culto. Foi o que puderam arranjar e oxalá se venha a encher de amigos verdadeiros. Nessa sede, existe uma paupérrima escola que pede espaço e outros factores de desenvolvimento. O facto das Autoridades permitirem o funcionamento desta escola é mais importante do que lhes possa parecer à primeira vista. É o indício claro de grandes possibilidades futuras.

Na Vila-da-Trindade, temos agora uma bem instalada missão rural a cargo de um Irmão Catequista que também dirige outra pequena escola, embrião de alguma coisa de maior no futuro.

Na aldeia do Bom-Bom organizou-se há pouco outra estação missionária com um Irmão Catequista e notícias recentes dizem que o Missionário Grave procura estabelecer outra estação missionária na Vila-de-Santana.

Podem compreender quão esperançados estamos no trabalho destas estações.

¡Não pensem que seja fácil a captação para o Evangelho dos portugueses de S. Tomé!

Alguns membros me contaram que eram despedidos logo que tentavam guardar o sábadado e não podiam obter colocação noutra lado.

Importaria muito estabelecer missões à moda de outros campos africanos tais como Angola e seria muito acertado ligar S. Tomé a qualquer desses campos, que tivessem escolas apropriadas para catequistas e obreiros nativos.

A obra da colportagem em S. Tomé inicia os seus primeiros passos com elementos nativos.

Em 1941 havia em S. Tomé:

1 Família de Missionários europeus
30 Membros
2.860\$00 Dízimos
851\$00 Ofertas

Em 1944 houve em S. Tomé:

1 Família de Missionários europeus
3 Catequistas
65 Membros
6.403\$00 Dízimos
3.523\$00 Ofertas

Esta Missão gastou, em 1944, 48.472\$00.

A Missão de S. Tomé carece de aumentar o seu pessoal. As escolas necessitam que tenham os professores-missionários prontos a substituir os actuais quando retirem. As casas de culto carecem de muitas coisas indispensáveis. A rede de estações missionárias está apenas no período experimental.

Os europeus são muito dispendiosos em tais regiões e com dificuldade se aclimatam. O futuro da obra em S. Tomé dependerá da preparação para o Ministério dos seus próprios filhos.

Só falo do material, bem entendido.

Dificuldades actuais, se existem, não são devidas às Autoridades, às quais devemos estar gratos por tôdas as facilidades concedidas.

II — Missão Caboverdeana

Compreende um arquipélago onde apenas temos duas ilhas penetradas: Brava e Fogo.

Na Brava temos uma Congregação na aldeia de Nossa-Senhora-do-Monte em edificio próprio, um dos mais vistosos da ilha. Quiseram estabelecer uma escola primária nesse edificio mas só ultimamente se removeram as dificuldades e a bravense Irmã Maria José Barros dirige a instrução de um bom grupo de crianças. É o início do que poderá ser uma grande instituição.

Não esqueçamos que é sempre difícil na paz ou na guerra abrir missões nas ilhas portuguesas. As autoridades não ignoram a maneira como tais missões são financiadas e têm receios justificados das futuras pretensões. Leva-lhes tempo a permitir a entrada aos missionários portugueses. Por exemplo, ¡só pudemos penetrar em Cabo-Verde na qualidade de representante da Publicadora Atlântico, Lda.!

Foi com satisfação que vimos o missio-

rário Esteves abrir outra estação missionária na ilha do Fogo. A nossa satisfação provém da confiança que as Autoridades quiseram depositar na União e a que sempre leveremos saber corresponder.

De Santo-Antão, uma ilha importante, vedem a visita dos nossos missionários.

A vida em Cabo-Verde tem dificuldades para os metropolitanos e sobretudo se têm ilhos a educar. De lá fogem os nativos, com o coração despedaçado de saudade, à procura de pão. Não podemos contar com os metropolitanos no futuro das missões. São os filhos e filhas daquele arquipélago, sempre desejosos dos pátrios lares, que devem desempenhar essa missão. O momento é oportuno. Dentro de alguns anos o Seminário Católico de S. Nicolau vai lançar os seus padres sôbre as ilhas e o orçamento da colónia financiará a construção de igrejas e escolas. Agora Cabo-Verde é a colónia onde há menos padres; em breve a situação mudará.

Nas Américas há caboverdeanos nas escolas adventistas. Se quiserem ouvir o nosso humilde apêlo, poderão desembarcar nas ilhas e ter êxito religioso seguro.

Em 1941 tínhamos em Cabo-Verde:

1 Família de Missionários europeus
33 Membros
3.898\$00 Dízimos
1.071\$00 Ofertas

No capítulo ofertas não podemos ignorar ajuda valiosa dos bravenses americanos das mãos Gomes que permitiu a edificação da igreja da Brava, actual propriedade da União.

Em 1944 temos:

2 Famílias de Missionários
1 Professora
48 Membros
20 Alunos na escola da Brava
7.300\$00 Dízimos
2.043\$00 Ofertas
2 Alunos no Seminário de Portalegre

Esta Missão custou em 1944, 60.411\$00. Tivemos ainda a despesa extraordinária de 37 contos com a reconstrução do edificio da Brava que se desmoronou parcialmente. Fizeram-se experiências de colportagem

que não resultaram por dificuldades de transportes.

Não existem actualmente dificuldades no trabalho das nossas estações missionárias em Cabo-Verde. Poderemos aumentar as nossas actividades tanto quanto nos seja possível.

III — Missão Açoreana

Recebemos esta Missão das mãos do Missionário E. P. Mansell com a única estação missionária de Ponta-Delgada.

Os Açores são um arquipélago onde existem três cidades e numerosas aldeias. Ponta-Delgada, Angra e Horta são cidades idênticas e, em certos aspectos, melhores do que as da nossa província.

O catolicismo está sólida e inabalavelmente cimentado nestas ilhas. O contacto com a América não causou grandes modificações espirituais. A evangelização encontra ali as mesmas dificuldades do continente. Segue, passo a passo, o calvário da metrópole.

O Missionário M. Lourinho, seu actual director, teve a oportunidade de abrir duas salas de reunião em duas aldeias vizinhas de Ponta-Delgada e abriu duas estações missionárias em outras duas ilhas: Terceira e Flores.

De forma que em 1941 tínhamos:

1 Família de Missionários
43 Membros
3.860\$00 Dízimos
3.143\$00 Ofertas

Em 1944 temos:

2 Famílias de Missionários
48 Membros em Ponta-Delgada
17 Membros na Terceira
2 Membros nas Flores
1 Aluna no Seminário de Portalegre
1 Aluno no Seminário do Cabo
7.938\$00 Dízimos
5.719\$00 Ofertas

Gastámos nos serviços desta Missão em 1944, 56.150\$00.

A obra da colportagem tem estado sempre em actividade. Encontrámos na pessoa do membro Botelho, da Congregação de

Ponta-Delgada, um colportor de primeira classe e tivemos pena não termos verba que nos autorizasse a fazê-lo ingressar no Seminário, por ser casado e pai de dois filhos. O estudante Lúcio Soares, de Ponta-Delgada, actualmente no Cabo, mostrou-se sempre bom colportor. É êle o detentor da «flâmula azul» na rapidez e quantia de vendas.

Esta Missão tem merecido a nossa particular atenção.

O seu futuro dependerá dos açoreanos.

Embora as ilhas sejam floridas e verdes, os continentais encontram ali certas dificuldades. Olham sempre saudosos o seu lar continental.

IV — Missão Madeirense

Recebemos esta Missão das mãos do Missionário E. V. Hermanson. Era formada pela Congregação do Funchal. Todos sabem que existe ali um imóvel adquirido pela Publicadora Atlântico, Lda., por dádiva generosa da Divisão Sul-europeia. O seu valor inicial devia ter duplicado. Ali estão instaladas: a sede da Missão, a Congregação e a escola primária.

Nunca se pôde estabelecer nenhum outro centro fora do Funchal. A Madeira é muito dedicada à fé tradicional.

Os nossos colportores têm feito circular livros e revistas através da ilha.

Em 1941 havia:

2 Famílias de Missionários
1 Professora
113 Membros
9.667\$00 Dízimos
6.589\$00 Ofertas

Em 1944 houve:

1 Família de Missionários
1 Professora
108 Membros
14.098\$00 Dízimos
8.719\$00 Ofertas
6 Alunos no Seminário de Portalegre

O custo da Missão, em 1944, foi de 58.952\$00.

Tudo o que fica dito da Missão dos Açores pode ser aplicado à da Madeira.

Ao terminar aqui a exposição das missões, devo dizer que tiveram quatro anos de actividades em calma absoluta. Os nossos missionários apoiados moral e materialmente puderam concentrar as suas actividades na evangelização. As Autoridades, tanto quanto eu soubesse, não causaram embaraços de monta. O atrito humano inevitável não existiu, na maioria dos casos, nos lugares onde houve só um casal missionário.

V — Conferência Portuguesa

Nestes últimos dois anos vi o meu serviço de director da União sobrecarregado com o de director da Conferência Portuguesa. Procurei fazer, o melhor que pude, os serviços que estiveram a cargo do Pastor E. V. Hermanson, que assumira a direcção do Seminário em Portalegre. Não foi possível tão pouco substituir a sua secretária, a Irmã Fernanda Ribeiro, que partira para Angola. Ainda me foi mais impossível chamar alguém para o serviço de evangelização em Lisboa a que tive de dar a maior atenção.

Um facto importante: De 1941 a 1943 deu-se um aumento crescente de obreiros nesta Instituição. A partir de 1943 verificou-se uma diminuição sensível, quasi alarmante, no pessoal. Além da Irmã Fernanda Ribeiro, a que atrás aludimos, aconteceu o seguinte:

a) Recebemos apelos das missões ultramarinas aos quais achámos ser nosso dever dar resposta prontamente e com os melhores elementos de que dispúnhamos;

b) Deu-se a saída para a Alemanha dos Missionários Oto Ide e Karl Somer a quem a morte ceifou;

c) Um jovem obreiro teve a dita de encontrar trabalho na América e tivemos o dever de lhe desejar boa viagem;

d) Um missionário entrado de África achou por bem resignar ao cargo sob pretexto de não ser suficiente o salário recebido;

e) Outro missionário teve a infelicidade de adoecer e ter de recolher à Casa de Saúde, lançando sua espôsa e filhos em dificuldades graves;

f) O Seminário prendia ao seu serviço mais duas famílias de obreiros;

g) E, por cúmulo, no Seminário não havia alunos preparados para preencher as vagas.

Que fazer? Permanecemos nas trincheiras abertas e avançamos para novas posições. Não se fechou nenhuma estação missionária, não se deixou por exercer nenhuma actividade e abriram-se mais três centros de evangelização: Entroncamento, Alturas e Castro-Marim. Fixou-se um obreiro em Cascais onde temos um grupo de quinze membros.

Foi possível tudo isto porque os serviços foram lançados sobre os ombros dos que restavam e que ficaram sobrecarregados com trabalhos que lhes não competiam na orgânica do movimento adventista e só num caso foi retribuído um obreiro com um aumento de vencimento. Mas temos a satisfação de dizer que o trabalho normal e produtivo foi feito sem prejuízo de maior, tanto quanto possamos ver.

Os obreiros nas suas estações missionárias gozaram da mais ampla liberdade de trabalho e sem nenhum atrito humano por estarem quasi sempre sós. Nunca se venderam tantos livros em tão pouco tempo. Nunca se publicaram tantas revistas. O número de baptismos fez-se na mesma escala, senão maior.

Alguns dados estatísticos, fornecidos pelos relatórios da Secretaria

	(*)				1.º semestre	
	1933	1941	1943	1944	1945	1945
a) NÚMERO DE MEMBROS:						
1) Pôrto.....	60	65	—	80	80	(1)
2) Coimbra.....	—	26	—	18	26	—
3) Tomar.....	12	56	—	52	55	(2)
4) Niza.....	—	—	—	7	10	(4)
5) Portalegre.....	33	65	—	68	68	—
6) Ribeira-de-Niza.....	—	25	—	42	42	—
7) Lisboa (**). ..	145	228	—	257	256	(21)
8) Barreiro.....	—	45	—	35	35	(4)
9) Setúbal.....	—	—	—	31	33	(2)
10) Vila-Real-St.º António.....	—	16	—	23	29	(6)
11) Seminário.....	—	—	—	—	38	(5)
Totais...	250	504	560	611	662	

b) DÍZIMOS:

				1.º semestre	
1933	1941	1943	1944	1945	1945
57.696\$00	66.000\$00	108.000\$00	135.268\$00	80.000\$00	

c) OFERTAS:

1933	1941	1943	1944	1.º semestre	
				1945	1945
44.965\$00	54.500\$00	72.403\$00	73.000\$00	24.000\$00	

d) NÚMERO DE BAPTISMOS:

		1.º semestre	
1943	1944	1945	1945
56 (2 anos)	51	51	

e) CUSTO DA CONFERÊNCIA:

Em 1944..... 305.000\$00

(*) Segundo relatório do Secretário Ribeiro publicado no «Mensagem do Advento», 1943, n.º 3.

(**) A Igreja de Lisboa compreendeu membros em Setúbal e Barreiro que foram os pioneiros das actuais Igrejas.

Êstes números são o resultado da graça de Deus, da liberdade religiosa gozada e do trabalho dos membros e obreiros.

VI — Publicadora Atlântico, Lda.

Recebeu os nossos atentos cuidados nas funções directivas e como director e redactor de revistas.

A organização desta empresa fêz cessar como por encanto tôdas as dificuldades na difusão da nossa literatura e ajudou-nos imenso no envio de pessoal para as missões. Nunca mais foi detido nenhum colportor por estar defendido pelas leis comerciais. Nada custa cumprir o preceito apostólico: «dar a cada um o que devemos, a quem tributo, tributo».

Esta casa publicou e passou ao Departamento de Colportagem da União, diversas missões e outros campos, os seguintes livros e revistas, de 1941 a 1945:

a) «J Filhos de Deus ou do Macaco?», edição de 8.000 exemplares, no valor ao público de 80.000\$00;

b) «Noções da Arte de Viver», edição de 6.000 exemplares, no valor ao público de 60.000\$00;

c) «Aos Pés de Cristo» e vários outros livros, no valor estimativo de 100.000\$00;

d) «Médico no Lar», edição de 8.000 exemplares, no valor estimativo de 450.000\$00;

e) 114.000 exemplares de «Saúde e Lar», no valor aproximado ao público de 300.000\$00.

Esta revista conta actualmente perto de 4.000 assinantes no continente e tem leitores até ao centro da África e nas remotas ilhas do Atlântico.

Esta revista é filha do Pastor W. R. Beach e do Conselho da União. Eu levantei a mão aprovativa em Conselho, consenti no seu nascimento e fui nomeado padrinho da mesma e, ao ser-me dada essa honrosa tarefa, só fiz o possível por lhe manter a vida e a defendi contra todos os ataques de fora e de dentro da família. Não foi pouco o trabalho! Ela hoje tem milhares de leitores amigos que colecionam os artigos dos seus distintos colaboradores médicos nacionais. Entre os colaboradores mais dedicados temos de apontar as duas colportoras Irmãs Idalina Ferreira e Elisa de Jesus e o grupo activo das alunas do Seminário que, em número de seis, êste ano fizeram 1.500 assinaturas. Sem melindre para ninguém, é justo alegrar-nos no esplêndido trabalho feito pelos grupos:

a) Emília Noivo e Helena Máximo, que no Pôrto venderam, em menos de 90 dias, 17.000\$00;

b) Sara de Almeida e Palmira Barreiros, que percorreram a província nesse espaço de tempo e venderam 14.000\$00;

c) O grupo Idalina Fernandes e Margarida dos Santos trabalhou na difícil Lisboa e obteve 7.000\$00.

A Publicadora publicou o bom livro de Smith «Thoughts on Revelation» de colocação demorada no nosso católico país. Mas já saíram das prateleiras em três meses qualquer coisa como 1.400 exemplares!

Necessitamos de quatro boas Irmãs colportoras permanentes para a «Saúde e Lar». Elas fariam uma notável obra de educação física em Portugal e podem estar certas de ganhar pão em abundância.

Necessitamos de publicar cada seis meses uma nova obra. A Publicadora precisa de acelerar a marcha das publicações, pois, além da obra de educação geral e religiosa que pode fazer, deveria financiar parte das despesas na evangelização. Temos óptimas possibilidades! Não esqueçamos que não há nada a impedir a organização da casa de obras evangélicas nesta cidade de Lisboa. Teríamos a oportunidade de oferecer ao público as obras das nossas casas editoras da América, Inglaterra, França, Alemanha, etc.

Tendo feito a minha carreira como evan-

gelista, acredito contudo que vale mais um bom livro que mil sermões quando bons.

VII — Seminário Adventista

Da última vez que se reuniram em assembléia, funcionava esta instituição aqui em Lisboa.

A nossa escola iniciou os seus trabalhos com o modesto orçamento de 25 contos e chegou a ter 100 alunos externos nos cursos primário, secundário e bíblico em Lisboa.

Levantou vôo para Portalegre onde encontrámos uma propriedade espaçosa cuja renda era inferior à de um 5.º andar de 12 divisões em Lisboa, não havendo gastos de combustível nem de água. O seu orçamento foi ampliado largamente pela generosidade dos Irmãos da Divisão aos quais serão poucos todos os agradecimentos que lhes possamos dar. Actualmente tem um orçamento anual superior a 150 contos.

Está hoje adornada com um corpo docente exclusivo e privativo.

Ocupa uma posição estratégica nos serviços de evangelização da província portuguesa menos afeiçoada a Roma.

Goza de muitas e sinceras simpatias em Portalegre onde poderá constituir um grande centro educacional.

¿Não é, de facto, admirável, num país católico até à medula, com leis educacionais restritivas, ordenando a educação separada dos sexos, ser possível organizar um Seminário Adventista para rapazes e raparigas?

As missões continuam a pedir pessoal adestrado. Da África pedem professores-missionários. Temos agora mesmo um pedido insistente para Angola. Não houve possibilidade de encontrar substituto para a escola do Funchal.

O nosso Seminário tem a responsabilidade na preparação da nossa Juventude para os diferentes sectores da Obra nacional.

VIII — Serviços Departamentais

Deixando de lado o Departamento da Colportagem a cargo do Secretário S. Reis — embora lhe desse tóda a atenção que me foi possível — e o da Escola Sabatina a cargo do Irmão A. Raposo, ainda tive sem-

pre a pesar no nosso trabalho extra-official os serviços dos seguintes Departamentos:

- a) LIBERDADE RELIGIOSA
- b) MISSÃO INTERIOR
- c) JUVENTUDE
- d) EDUCAÇÃO

a) LIBERDADE RELIGIOSA

1) Não tivemos a mínima dificuldade na evangelização escrita ou falada.

2) Alcançámos obter solução ao problema dos exames ao Sábado e recebemos as melhores atenções sobre os serviços da Mocidade Portuguesa em dia de Sábado. A única coisa é ter a coragem de se declarar Adventista.

3) Temos esperanças, agora que cessou a guerra, de obter, pelo menos, a antiga solução sobre a vida militar, no que respeita à guarda do Sábado. Todo o Adventista que julgasse pecado fazer o serviço militar podia pagar a praça com uns parcos 2.000 escudos.

b) MISSÃO INTERIOR

Fizeram-se sempre as Campanhas da Grande Semana e das Missões.

De 1941 a 1944 publicaram-se umas 80.000 revistas que foram colocadas pelas nossas Congregações que obtiveram o seu objectivo financeiro num quantitativo aproximado de 160.000 escudos.

Este ano publicaram-se 20.000 exemplares, dos quais já saíram da Publicadora 16.000, e está feito mais de metade do objectivo global. Em Lisboa, costuma fazer-se a Campanha no último trimestre do ano. Ainda assim já estamos adiantados sobre o ano passado. Obtei-se-á o objectivo proposto se os obreiros quiserem.

Alguns dados curiosos no 2.º trimestre de 1945:

- 1) Visitas missionárias, 4.883.
- 2) Estudos bíblicos, 7.025.
- 3) Literatura distribuída, 12.874 unidades.

c) JUVENTUDE

Este Departamento opera nuns lugares com mais interesse e regularidade do que em outros. Custa a ganhar o seu lugar na orgânica adventista portuguesa, como um filho que aparece à última da hora, quando os manos são crescidos.

A Juventude (uma média de 700 Jovens) fêz de 1943 a 1944 os seguintes serviços:

- 1) Forneceu os nossos melhores colportores.
- 2) Forneceu os nossos melhores alunos.
- 3) Deu dos seus centavos para obra e obteve em diversas campanhas, 34.000\$00.
- 4) Estudos bíblicos, fêz 15.000.
- 5) Visitas missionárias, 32.800.
- 6) Literatura distribuída, 116.000.

Há mais Jovens nas nossas Igrejas do que os que estão alistados.

Temos muito trabalho a realizar.

d) EDUCAÇÃO

Precisamos de muita educação em Portugal e, conseqüentemente, entre nós Adventistas. Não abundam, de facto, os bons centros educativos em Portugal.

Lastimo não nos ter sido possível encontrar professores e meios para estabelecer em cada Igreja uma escola bem limpa onde as crianças adventistas recebam instrução e educação sob a direcção de amáveis professores.

Tivemos em serviço, em 1944:

- 1) Uma escola em Lisboa, com 30 alunas.
 - 2) Uma escola no Funchal, com 30 alunos.
 - 3) Uma escola na Brava, com 20 alunos e alunas.
 - 4) Duas escolas em S. Tomé, com 20 alunos e alunas.
- Total: 5 escolas, 5 professores e 100 alunos (mais ou menos).

É um dos trabalhos de conseqüências futuras mais prometedoras no nosso campo.

IX — Bens materiais da União

Deixando de lado os dados financeiros a cargo do nosso Tesoureiro, precisamos dizer que, nos últimos dois anos, esta União se tornou proprietária de mais dois prédios:

- 1) Um prédio em Vila-Real-de-Santo-António, cedido pelos Irmãos Pereira em circunstâncias consideradas como vantajosas pelo Conselho da União, com os rendimentos vitalícios para aqueles Irmãos. A despesa feita com a aquisição (uns 40 contos) saíram das economias da União.
- 2) Um prédio em Portalegre, obtido para sede da nossa Congregação, com dinheiro graciosamente dado pela Divisão Sul-europeia.

Os Irmãos Delegados ficarão contentes em saber que as suas despesas de transporte e alojamento serão cobertas pelas economias feitas durante os primeiros seis meses de exercício de 1945 e que são:

1) Na Conferência ...	21.349\$00
2) Na União.....	31.069\$00
<i>Total...</i>	<i>53.069\$00</i>

As economias seriam muito mais avultadas se tivéssemos mantido dentro do orçamento as verbas que eram pagas ao pessoal que foi deslocado para outros serviços ou campos mas cujo trabalho ou função continuou a ser realizada. Quando uma dona de casa manda a criada embora e faz ela o serviço diz que economizou.

X — Dificuldades

Embora rodeado pelas negras nuvens de guerras e temores, apesar dos sobressaltos em que sempre vivemos sôbre o que poderia ser o futuro da União, caso a tempestade se desencadeasse, o mar em que navegámos esteve sempre calmo.

Quando o mar está calmo, os tripulantes discutem entre si, divertem-se e alguns chegam até ao prazer de procurar criar balanços enjoativos bem escusados.

É possível que tivessem a idéia de causar aborrecimento ao capitão. Esqueceram-se que a ponte do comando é onde os balanços menos se fazem sentir e que os tripulantes amigos de causar êsses balanços estão sujeitos a conseqüências muito desagradáveis.

XI — Agradecimentos

Também os temos a apresentar e a muita gente:

1.º A Deus pela Sua amável condução, libertando-nos dos horrores da guerra e das dificuldades religiosas conseqüentes, permitindo a todos os obreiros que trabalhassem quando e como desejassem.

2.º Às Autoridades do nosso país porque, embora ateístas ou crentes romanistas, nos concederam tôdas as facilidades que possam ser desejadas por honestos cidadãos, desejosos de viver dentro da Lei. Afigura-se-me que nos deram aquilo que nem todos os Adventistas dariam se estivessem nas suas circunstâncias.

3.º À Divisão Sul-europeia e à Conferência Geral pelo auxílio monetário concedido a tantas dezenas de empregados portugueses e pela paciência em esperar frutos que tarde, mal e talvez nunca vejam neste nosso país. O auxílio material foi ultrapassado pelas palavras de encorajamento e conselho. Os salários foram sempre pagos com pontualidade matemática pelos óptimos serviços dessas Instituições.

4.º Aos Irmãos de tôdas as Congregações que manifestaram a sua boa vontade, o seu espírito de amável tolerância, sempre prontos a facilitar a tarefa dos obreiros, dando os seus dízimos e donativos, trabalhando para convencer pessoas da veracidade da crença adventista. São tais Irmãos dignos representantes dêste bom povo português que sempre tem manifestado a sua cortezia, mesmo quando não aceite a doutrina.

5.º Aos amáveis colaboradores médicos, não-adventistas mas desejosos de contribuir na melhoria da saúde e costumes portugueses.

A todos cumprimenta muito reconhecido
o VOSSO

António Dias Gomes

À Memória de PAULO MEYER

Cumpre-nos o desagradável dever de participar oficialmente a todos os Adventistas portugueses, o falecimento do Pastor Paulo Meyer, ocorrido no campo de concentração de Dachau, Alemanha, nos princípios de Fevereiro do corrente ano.

Faleceu com 58 anos, quando ainda muito havia a esperar das suas actividades.

Para os antigos Adventistas portugueses vai ser muito desagradável esta notícia, pois o Pastor Paulo Meyer trabalhou entusiasticamente na Obra Adventista em Portugal e alcançou ganhar adesões à Fé e numerosos amigos. Foi um simpático, activo e produtivo evangelista. Aprendera a ser português, simpatizava com tudo quanto fôsse português e ainda se notava, bastantes anos depois de sair de Portugal, na sua maneira de falar, muitas coisas do nosso país, principalmente no capítulo provérbios. Sempre que falava de Portugal era evidente a sua sincera amizade.

Tivemos o prazer de o receber em Lisboa, anos depois da sua partida do nosso campo, e de o ouvir pregar o Evangelho, numa cerimónia baptisml, em 1934. O seu entusiasmo aliciente contribuiu imenso para o bom êxito daquelas assembléias, umas das melhores que temos tido no nosso meio. Esperávamos receber mais visitas suas mas não era êsse o plano de Deus. Nunca mais tivemos o prazer de lhe falar.

Ao contemplar a sua fôlha de serviços prestados, depois da sua saída de Portugal, temos pena que não tivesse ficado no nosso meio, onde todos são tão poucos perante a imensidade do trabalho a realizar. A nossa pena aumenta ao pensar que, se tivesse permanecido em Portugal, poderia ainda hoje estar vivo, visto termos tido a bênção da Paz, nesta tormenta pavorosa. Altos desígnios de Deus. A nós todos a lição de acariñar todos quantos, como o falecido P. Meyer, têm qualidades de coração e de inteligência.

Curvemo-nos respeitosos perante os crepes da Irmã Marta Meyer — não há muito ferida pela morte de sua filha Myrthe — que também trabalhou muito e produtivamente na evangelização portuguesa e conta no nosso meio sinceras amizades.

(Transcrevemos dois artigos aparecidos na Revista Adventista Francesa recentemente chegada, com o fim de pormenorizar o triste acontecimento e como homenagem ao nosso presado Irmão e colaborador).

Dados Biográficos

por Pastor J. C. Guenin, antigo director da Missão Portuguesa

É com a maior tristeza que participamos aos nossos Irmãos e Irmãs e a todos os amigos tão numerosos que o conheceram, a morte do nosso presado Irmão

PAULO MEYER

ocorrida no cativo, na Alemanha, nos princípios do mês de Fevereiro, com a idade de 58 anos. Pelo momento, não sabemos nada das circunstâncias que cercaram a morte do nosso Irmão.

A 27 de Março de 1944, de manhã, no momento em que o Irmão Paulo Meyer se preparava para partir na sua viagem semanal de evangelização a Roanne e Saint-Étienne, foi detido pelos agentes da Gestapo. Durante várias semanas, foi impossível aos seus saber onde o tinham levado. Soube-se, depois, que passou várias semanas no Forte Montluc em Lião e fôra transferido para a prisão de Fresnes e, mais tarde, para a Alemanha. Enquanto esteve em Fresnes, seu irmão Óscar e amigos de Paris puderam fazer-lhe chegar alguns pacotes e obter notícias suas por intermédio do capelão alemão da cadeia. Depois de chegar à Alemanha, o nosso prisioneiro pôde enviar algumas notícias a seu irmão Alberto, na Suíça, mas, evidentemente, não podia dizer tudo o que os seus amigos e parentes gostariam de saber. Agora que passou do número dos vivos, nunca poderemos, sem dúvida, saber exactamente quais foram os seus sofrimentos e experiências religiosas que êle pôde fazer com os seus companheiros de cativo.

A CONFERÊNCIA DO MIDI e a Obra em geral, perde, na morte do Irmão Meyer, um

obreiro de experiência e um evangelista de talento. Trabalhou na Causa de Deus perto de quarenta anos. Foi colaborador do autor destas linhas em Besançon, durante o inverno de 1908-1909. Dali, o Irmão Meyer foi chamado a Lião a colaborar com o Irmão Dexter. Em 1910 foi chamado a Portugal, onde colaborou primeiro com o Irmão Rentfro e depois foi encarregado da direcção da Obra neste país até 1924. Durante êstes anos, numerosas almas aceitaram a verdade por seus esforços e novas igrejas foram fundadas.

Depois de um período de repouso bem merecido, o Irmão Meyer retomou as suas actividades em França. Insistiu para que o deixassem começar a obra na Bretanha, em Nantes a princípio, onde se fundou uma Igreja, depois a Rennes, S. Nazaire, Angers, Saumur, Lorient. Todos quantos foram conduzidos à verdade pelos esforços do nosso Irmão nunca mais o esquecerão. De 1936 a 1944, o Irmão Meyer exerceu uma actividade intensa, primeiro em Lião, depois em Marselha, depois de novo no sector de Lião. Fundou a Igreja de Roanne, desenvolveu a de Saint-Étienne e de Lião. Posso afirmar, sem temor de desmentido, que é impossível encontrar um pastor que tenha pregado o Evangelho com mais zêlo, convicção e, ia para dizer, paixão. Alguém me escreveu a seu respeito: «A nossa Obra perde um bom e fiel obreiro e nós lamentamos para a nossa Igreja êste lugar que será dificilmente preenchido; as nossas orações se juntarão às vossas para pedir a Deus que suscite vocações entre a Juventude».

Quis ajudar Judeus perseguidos pela policia alemã e foi então prêsso. A Irmã Meyer dizia-me, há pouco tempo: «Se Deus permitiu a sua prisão é que Paulo tinha certamente uma missão a cumprir entre os prisioneiros políticos». Não duvido tão pouco, nem por um momento, que o Irmão Meyer tenha aproveitado tôdas as oportunidades, no campo de concentração onde foi encarcerado, para testemunhar e fazer conhecer a salvação de Jesus Cristo aos que quisessem ouvi-lo.

Partilhamos da nova e terrível provação que vem ferir a nossa Irmã Marta Meyer. Pedimos a Deus que a ampare na sua grande dor. Queira ela receber, assim como os outros membros da família, a expressão da nossa mais profunda simpatia.

J. C. GUENIN

À memória do meu irmão Paulo

Foi para nós como uma terrível V2 lançada da Alemanha a inesperada notícia da morte de nosso querido e infortunado irmão Paulo. Êste novo golpe ferindo-nos em pleno coração deixou-nos como que embrutecidos de dor. Que se teria passado?

A sua última mensagem data de 30 de Novembro de 1944, do campo de Hamburgo, e dizia que estava de boa saúde; por certo, era essa a fór-

mula imposta a todos, mas esta mensagem, ridícula com o seu próprio punho, indicava através da sua caligrafia fina e firme que devia ser verdade o que dizia. Agarrava-se aos nossos corações inquietos a esperança. Um amigo pessoa que eu sabia estar em Dachau, um dêsses campos de horror, fêz-me saber em 7 de Janeiro de 1945 que Paulo estivera muito doente. Esta notícia indicava que em Dezembro fôra transferido do campo de Hamburgo para o de Dachau.

Uma segunda mensagem datada de 11 de Fevereiro anunciava a sua morte. Estremece-se quando se pensa no que poderia ter causado fim tão rápido. Só quando aquêle nosso amigo regressar poderemos ter luz sôbre êste trágico fim. Pobre Paulo! quem haveria de supor que a largueza e constante hospitalidade que era a regra do seu lar pudesse vir a constituir, certo dia, o pretexto da sua prisão e dos maus tratamentos que deveria suportar.

A Gestapo fêz o primeiro assalto a sua casa no dia 28 de Fevereiro de 1944, e tudo indicava que a fuga era a solução mais segura. A idéia de que a Obra pudesse sofrer gravemente com esta partida repentina levou-o a seguir o conselho que lhe foi dado para que ficasse; arriscou assim a sua vida para que a Obra não sofresse. A 27 de Março foi de novo prêsso sob a promessa que estaria de regresso dentro de um quarto de hora porque se tratava apenas de umas simples informações. Foi conduzido ao forte de Montluc, prisão de Lião. Como a Gestapo tinha por método despistar tôdas as investigações, pus tudo em acção para encontrar o seu caminho. Depois de sete semanas, por meio de um capelão evangélico meu amigo pude estabelecer contacto com êle na prisão de Fresnes. A 10 de Julho partiu para Compiègne e alguns dias depois partia para a Alemanha. Num pequeno recado que pôde enviar-me por outras mãos dizia-me que era «horrível»!... que, no entanto, tinha podido dar estudos bíblicos com os seus companheiros de infortúnio.

Agora está consumado o drama e o nosso querido Paulo desapareceu levado como tantos outros numa torrente de ódios que veio à superfície desta humanidade em delírio.

O que foi como prêgador, dizem-no em termos reconfortantes numerosos testemunhos que nos têm chegado às mãos. Dizem-nos que nunca se poupava a esforços apesar da sua saúde tão deficiente; por tôda a parte acendia fachos de luz: no oeste da França; Tours, Angers, Nantes, Rennes, S. Nazaire, Lorient e depois Roanne e sua região.

Não tenho por forma nenhuma a intenção de idealizar ou canonizar o nosso querido desaparecido. O seu carácter de uma coloração muito especial não ficava insensível a certos juízos lapidares de espíritos grisalhos; mais de uma vez me citava aquêle provérbio português: «Deus es-

creve direito em linhas tortas». Na verdade, neste último ano, as linhas traçadas pelos homens pareceram-nos terrivelmente curvas! Contudo, temos a certeza que a despeito de tôdas as aparências, Deus escreveu direito.

O facho caiu das suas mãos... não, arrancam-lho! Nós o empunharemos e tanto mais firmemente que, ao fazê-lo, ficamos fiéis ao seu pensamento e à sua lembrança querida.

Bom e querido Paulo, nós que caminhámos juntos durante tanto tempo numa preciosa amizade, eis-nos separados porque tu fizestê a última etapa da viagem, e que tremendo caminho!... Deus te levou para longe de todo o socorro humano e lá nesse vale escuro das sombras da morte, segurando a tua mão, Êle havia de te

ter dito: «Eu estou aqui!». Êle conduziu-te para junto de um compatriota, de um amigo, de um irmão de armas a quem Êle confiou o teu último olhar voltado para as colinas eternas. Nós que estivemos longe de ti embora sempre perto pelo pensamento e pela oração, nós de coração desfeito por esta partida, deitamos-te com confiança nos braços do Pai na certeza do profeta que o tirano não guardará para sempre o despojo. Depois da tua pequena Mirthe, tu convidas-nos à grande reunião. Lá estaremos, pela graça de Deus. Até à vista pois, em breve, nosso querido e bem-amado Paulo, e desta vez na casa do Pai.

Paris, Maio de 1945.

ÓSCAR MEYER

QUE É A FÉ?

É CRER EM DEUS

1 — ¿ Quais as razões da nossa crença em Deus? (1 Reis 8:56)

Há algumas pessoas na Terra em quem podeis acreditar. Podeis acreditar em qualquer coisa que elas vos prometerem. ¿ Estão agora a lembrar-se de algumas dessas pessoas, não é assim? Certamente que pensais no vosso pai e na vossa mãe. Mas é triste dizer-se que também há pessoas em quem não podereis acreditar. Não podeis acreditar em nenhuma das suas promessas. Qual é a diferença? É que algumas pessoas nunca cumprem o que prometem. Por isso quando prometem não são acreditadas. Há outras que nunca quebram uma promessa. É fácil pois acreditar quando elas prometem. Deus pertence a êste grupo. Fêz muitas promessas e cumpriu-as tôdas. Encontrai a prova desta afirmação em 1 Reis 8:56. Que bela razão para acreditar em Deus—para acreditar em cada promessa que Êle tenha feito, porque (vamos ler o versículo indicado) «nunca falhou uma palavra de tôdas as Suas promessas».

2 — Crer é confiar (2 Tim. 1:12)

Se nós acreditarmos numa pessoa também nela confiaremos. Podemos confiar-lhe nem que seja a nossa vida.

Há muitos anos alguns viajantes estavam à caça de flores nas montanhas da Escócia. Viram algumas flores muito raras a brilhar num despeñadeiro perigoso. Tinham medo de ir lá apanhá-

las e por isso ofereceram a um rapazito uma soma elevada de dinheiro se êle quisesse atar uma corda à sua cinta e, tendo êles uma das extremidades seguras, consentisse em deslizar até às flores. Explicaram-lhe que, quando êle tivesse apanhado as flores, êles puxariam pela corda e o elevariam até ao cimo da montanha. O rapazito olhou para o dinheiro, olhou para o despeñadeiro perigoso e, por fim, sorrindo, respondeu: «Não me importo de descer pela corda se meu pai a segurar cá de cima».

¿ Por que é que o rapaz queria que seu pai segurasse a corda e não outro? É que êle conhecia muito bem seu pai e cria no seu amor. Sabia que seu pai seguraria muito bem a corda.

Pois S. Paulo diz a mesma coisa àcerca de Deus em 2 Tim. 1:12: «Porque eu sei em quem tenho crido e estou certo de que Êle é capaz de guardar o meu tesouro». Significam estas palavras que, se nós cremos em Deus, temos também razões para confiar n'Êle como aquêle rapazito confiava em seu pai porque Deus «segurará a corda com força» para nos poupar a vida. Podemos confiar que Êle responderá às nossas preces por auxílio e nos ouvirá quando nós orarmos.

3 — Confiar é ter Fé (Isaías 12:2)

Vamos agora considerar uma palavra difícil de compreender. A dificuldade está apenas na aparência. Essa palavra é: FE. Ela significa o

mesmo que confiança. Podemos dizer: FÉ é a prova de que confiamos em Deus. Compreenderemos melhor tudo isto, estudando êstes exemplos de Fé.

O rapazito da nossa história é um exemplo. Êle disse: «Tenho confiança se meu pai segurar a corda». Provou esta confiança descendo atado à corda, naquele precipício, quando seu pai agarrou na extremidade da mesma. Êste acto do rapaz era a prova de que confiava no poder guardador de seu pai. Êste acto era a FÉ.

Uma menina acordada de noite por certo ruído que a assustou pode ser outro exemplo. Ela disse para consigo: «Confiarei que Deus tomará cuidado de mim». Provou esta sua confiança, tornando-se a deitar sem medo nenhum. Era a prova de que, na realidade, confiava no poder guardador de Deus. Êsse acto de ir deitar-se era a FÉ.

Certamente que é fácil ficar sem medo *depois* de vermos chegar junto de nós o auxílio, mas ficar sem medo *antes* da chegada do auxílio, porque confiamos em Deus, isso é ter FÉ.

Vamos fazer um pequeno diagrama ilustrativo:

CRER	}	ISTO
CONFIAR		É
NÃO TER MÊDO		TER FÉ

Ê o que nos diz o nosso texto de Isaías 12:2. Vamos lê-lo. Sim, temos de confiar e não andar assustados. Quão importantes são as palavras «e não vos assusteis» porque esta é a prova da vossa confiança. Isto é ter FÉ.

4 — Deus responde à nossa Fé (Mat. 9:29)

Diz a nossa Bíblia: «Seja-te feito consoante a tua oração». Leiamos Mateus 9:29. Não, vós ledes bem quando dizeis: «Seja-te feito consoante a tua Fé». Nunca oraremos demais nem vezes demais, rapazes e raparigas, mas sem Fé nenhuma oração pode ser respondida. A Fé é como uma grande chave, é a chave que abrirá o admirável armazém de Deus que está abarrotado com tôdas as boas respostas às nossas orações. A Fé é a única chave que abrirá aquela porta. Usai essa chave, provai que tendes confiança em Deus e quão rapidamente aquela porta se abrirá. ¡Como Deus responderá com certeza às vossas orações e vos dará o que vós necessitardes!

5 — Pela Fé podereis ser vencedores (Rom. 8:37)

Podemos ser vencedores do medo. Uma mulher fôra salva de um edificio a arder. Ela descerá a escada dos bombeiros quando uma das suas vizinhas lhe disse: «Como pôde fazer isso? Não teve medo de cair?». Respondeu ela: «Tive medo até que fiz oração. Depois disso confiei em Deus e todo o medo passou. Embora as chamadas

estivessem à minha volta eu sabia que Deus havia de me salvar». Pela Fé ela conquistou ou venceu o medo.

Também nós podemos vencer a tentação. Certo rapaz experimentou vencer o hábito de dizer más palavras mas muitas vezes ficou vencido. Estava muito desanimado. Finalmente ajoelhou e disse: «Senhor, salva-me dêste pecado!». E então contou êle: «Logo todo o desânimo desapareceu. Embora estivesse à minha volta todo o fogo da tentação eu não tive medo. Tinha orado. Confiara em Deus, que deveria eu temer?». Aquêle rapaz estava certo da vitória ainda antes de a obter. Esta é a Fé que vence a tentação.

6 — ¿ Como poderemos obter aquela Fé que vence? (Luc. 17:5)

Para estarmos certos perguntemos aos discípulos. Êles tinham a Fé que vence. Ouí a oração que êles fizeram: «Senhor, aumenta a nossa Fé». Sim, a Fé que vence será a resposta à prece. Pode ser que não tenhamos uma grande Fé como a de Abraão, no princípio. Pode ser uma Fé tão pequena que tendes medo que para nada preste a vossa oração. ¿ Já viram um grão de mostarda? Não é muito grande, pois não? E das ervas mais fraquinhas que existem. O grão de mostarda é um bom exemplo da pequenez da nossa Fé. Mas Jesus disse: «Se tiverdes Fé como um grão de mostarda, nada vos será impossível» Mateus 17:20. Por isso não necessitamos de nos desanimar mesmo que a nossa Fé seja pequena. Assim como o grão de mostarda cresce, assim crescerá também a nossa Fé, se orarmos com persistência, dia após dia: «Senhor, aumenta a nossa Fé».

EM RESUMO

- 1 — Digam o que é a Fé, em duas palavras.
- 2 — ¿ Quais são as boas razões que temos para acreditar em Deus?
- 3 — Acabemos a seguinte frase: «Se acreditarmos em Deus também.....».
- 4 — Dê um exemplo de Fé em Deus.
- 5 — ¿ Por que é importante ter Fé em Deus?
- 6 — Podemos ser vencedores pela Fé. Dê um exemplo.
- 7 — ¿ Como poderemos nós obter a Fé que vence?

Muito pessoalmente, para ti — Rapazes e Meninas, Deus deseja muito encher os vossos corações juvenis daquela Fé que vence. ¿ Quereis vós deixar-lhe fazer isso? Se de facto vós quereis deixar Deus fazer êsse trabalho, justamente ajoelhai e orai assim: «Senhor, aumenta a MINHA FÉ».

Conferência Geral para a Juventude

QUE É A ORAÇÃO? — É falar a Deus e ouvi-Lo

INTRODUÇÃO — Rapazes e Raparigas, hoje soa um apêlo. Quereis vós saber qual é? Ouvi! Deus chama-nos a passar outra semana com Ele, a passar outra semana de oração. Poderíeis vós ajudar-me a escolher outro nome diferente do de *Semana de Oração*? Nós pretendemos falar, durante esta semana, muito a Deus, não é assim? Procurai então escolher um outro título mais compreensível do que o de *Semana de Oração*. Eu escreverei no quadro o que vós disserdes.

(Disponham-se a escrever o que os jovens quiserem dizer. Talvez para os auxiliar pudésseis propor certas frases. Por exemplo:

Semana de convívio com Deus;
Semana em que vamos orar mais;
Semana em que vamos estabelecer novas contas com Deus;
etc., etc.)

Reparando nas frases escritas, continuai: Por certo, estas frases, vossas e minhas, dão-nos alguns significados da *Semana de Oração*, significado que são também os que lhe dão os rapazes e raparigas em todo o Movimento Adventista, no mundo inteiro.

1 — Deus diz: «Clama a mim e responder-te-ei» (Jeremias 33:3)

Tenho o número de um telefone que é muito importante para mim. Sabem porquê? É o número de um telefone que pertence a um meu amigo muito dedicado. Esse amigo disse-me: «Se tu precisares alguma vez de qualquer coisa telefona-me e eu te ajudarei».

É o que Deus nos diz em Jeremias 33:3. Deus está a dizer-nos: «Clama a mim e responder-te-ei». Como é simples. Nós clamamos, chamamos em alta voz. Deus responderá. É pois necessário que nós falemos, clamemos, chamemos em alta voz por Deus.

2 — Escutar o que Deus tem para dizer: «Ouvime ilhas e escutai-me vós povos de longe» (Isaías 49:1)

Eu pego no telefone e ligo para o meu amigo. O meu amigo, do outro lado do fio, diz-me que está a ouvir e eu começo a contar-lhe a dificuldade em que me encontro e peço-lhe que me ajude, me dê um conselho. Depois, em vez de ouvir a sua resposta, eu desligo o telefone. Dizeis vós: «Isso era sinal de má educação!».

Pois é desta maneira que nós muitas vezes fazemos com Deus. Nós ligamos o nosso telefone da prece para o céu. Fazemos conforme nos é aconselhado em Jeremias 33:3. Chamamos Deus e contamos-Lhe as nossas dificuldades. Pedimos-Lhe que nos diga o que devemos fazer. E depois? Geralmente, levantamo-nos da nossa oração e vamos a correr para o nosso trabalho ou

para a nossa brincadeira. Que devíamos nós fazer? Fazer o que nos diz Isaías 49:1. Ora repitamos para aprender de cor este conselho. Vamos escrever numa só palavra toda esta frase de Isaías 49:1. Não são capazes? Pois aqui a vou escrever: OUVIR.

Neste esquema vamos representar toda a conversação com Deus, isto é, o que devemos compreender por uma oração perfeita:

Nós oramos ——— Deus ouve

Nós ouvimos ——— Deus responde

¿ Quem foi o rapazito que disse: «Fala, Senhor, que o teu servo escuta»? Foi Samuel, não é assim? (1 Samuel 3:10). ¿ Podemos imaginar como quietinho devia estar Samuel à escuta do que Deus teria a dizer-lhe! Pois, meus amiguinhos, da mesma forma Deus quer falar convosco mas para isso é preciso que espereis nos vossos joelhos como Samuel também esperou.

3 — Porque deveremos nós orar? (Leiamos Lucas 18:1)

Poderemos responder a esta pergunta fazendo outra. Porque deveremos nós respirar? Respirar representa para nós viver. Se não respirarmos morreremos. A oração é a respiração dos cristãos. Se não orarmos não poderemos levar uma vida cristã. Cresceremos cristãmente muito fracos e finalmente morreremos. ¿ Quantas vezes o cristão peca porque não ora! É pois muito importante orar!

4—Quantas vezes deveríamos nós orar? (Leiamos 1 Tess. 5:17)

Contem quantas vezes respiramos nós. Há um largo intervalo entre duas respirações? Realmente não há. Nós estamos constantemente a respirar. Se não fizéssemos assim, morreríamos. Há só duas palavras em 1 Tess. 5:17 as quais nos dizem quantas vezes deve o cristão orar. Leiamos. É como poderá uma pessoa orar sem cessar quando nós temos tantas coisas a fazer? Certa rapariga explicou desta maneira como ela compreendia êste conselho: «Nunca me esqueço de que necessito muito de Jesus de maneira que na brincadeira, na rua, ou seja onde fôr, eu sempre murmuro esta pequena oração: Senhor, ajuda-me». Sim; nós necessitamos de murmurar muitas vezes, Jesus. É assim que podemos orar sem cessar. É assim que nós devemos fazer, meus amiguinhos, porque é esta a nossa única esperança de viver como cristãos.

5—Quantas vezes deveríamos fazer orações de joelhos? (Leiamos Daniel 6:10 e Salmos 55:17)

Nós, meus jovens cristãos, também deveremos ajoelhar em oração. Devemos parar o nosso trabalho ou o nosso divertimento, tôdas as coisas que nos conservam ocupados e tomar tempo de ajoelhar. Quantas vezes deveríamos ajoelhar?

O Rei David dá-nos a resposta: «De tarde, de manhã e ao meio-dia orarei».

O Profeta Daniel também nos dá o exemplo: «Daniel ajoelhava três vezes por dia». Rapazes e meninas, quantas vezes ajoelhai vós em oração? Ajoelhai aos pés da vossa cama cada noite antes de fechardes os olhos, embora estejais muito cansados e cheios de sono? Ajoelhai a orar cada manhã antes de ir para a escola, embora estejais muito apressados? Ao meio-dia, encontrais vós um lugar sossegado para ajoelhardes em oração a Deus? Estas perguntas são muito profundas. Mas podemos responder de duas maneiras: uma, dizendo o que fizemos no passado. Não interessa muito o que fizemos no passado. Outra maneira é mais importante: como faremos no futuro?

Eis uma lição sôbre oração que podemos aprender do camelo. É a maneira como os ca-

melos se deixam carregar. O camelo é tão alto que o seu condutor não pode chegar-lhe ao lombo. O camelo tem de ajoelhar para receber a carga. Durante o dia, a carga pode molestar o camelo e o condutor obriga-o a dobrar os joelhos para lhe arranjar a carga e tornar-lhe mais fácil o seu transporte. À noite ajoelha o camelo finalmente para ser aliviado da carga.

Pois também nós devemos fazer o mesmo. Devemos receber a carga diária com a nossa confiança em Deus, ajoelhando em oração. Devemos deixar que Deus nos arranje essa carga ao meio do dia para nos magoar menos, ajoelhando em oração. Devemos deixar que Deus nos tire essa carga à noite ajoelhando antes de nos deitarmos.

EM RESUMO

1—A oração não é uma conversação com Deus em que só nós falaremos. Como se provará esta afirmação?

2—Quantas vezes deveríamos nós orar por auxílio?

3—Quantas vezes devíamos nós ajoelhar em oração?

4—Porque é tão importante orar?

Um apêlo pessoal, justamente para ti

Aproveitemos esta Semana de Prece para conversar e ouvir o que Deus tenha a dizer-te. Vamos decidir hoje pertencer ao grupo dos que desejam orar sem cessar. Decidamos hoje unir-nos ao Rei David e ajoelhar em oração pela manhã, ao meio-dia e à noite. Se fizerdes esta decisão, levantai-vos e dizei-o em voz alta; depois ajoelharemos e pediremos a Deus que nos ajude a cumprir a nossa decisão, na certeza que esta decisão é das que podem mudar o curso da nossa vida. Que Deus vos abençõe a todos.

A vossa lista para oração

No comêço desta Semana de Oração façamos todos nós a nossa lista para a oração. Vamos escrever nessa lista as coisas sôbre as quais necessitamos de falar com Deus, durante esta semana, quando Êle está inclinado a ouvir-nos e responder à nossa prece.

REVISTA ADVENTISTA

Orgão exclusivamente religioso e de informação da
União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Cont. e Ilhas Colónias

Número avulso. 2\$50 3\$00
Assinatura anual 12\$50 15\$00

Redacção e Administração:
Rua Joaquim Bonifácio, 17

Composição e impressão:
Tip. Gomes & Rodrigues
32, Rua das Picoas, 34—LISBOA

DIRECTOR: A. DIAS GOMES /// REDACTOR: ERNESTO FERREIRA /// EDITOR: A. F. RAPOSO